



VIII Jornada Internacional Políticas Públicas

22 a 25 agosto
2017
Cidade Universitária da UFMA
São Luís/Maranhão - Brasil



BRASIL NOS CIRCUITOS DO GOLPE 16: novo ciclo de ajuste e democracia em risco

Alba Maria Pinho de Carvalho¹
Eliana Costa Guerra²

RESUMO¹

No necessário exercício da crítica e autocritica, a incidir no Brasil contemporâneo, este texto adentra na tessitura do Golpe de Estado de 2016, analisando dimensões da história econômica e política do País, nos últimos 15 anos. Configura a arquitetura deste golpe, em curso, delineando momento singular da luta de classes, no tempo presente. Sustenta que o Golpe 16 demarca um novo ciclo de ajuste, com graves desdobramentos sobre a democracia brasileira. Trata-se de um trabalho analítico que toma por base estudos de pensadores contemporâneos, avançando na compreensão dessa nova temporalidade do capital, em suas particularidades, na cena brasileira.

Palavras-chave: Brasil contemporâneo, golpe, ciclo de ajuste, democracia,

ABSTRACT

In the necessary exercise of criticism and self-criticism, to focus on contemporary Brazil, this text of the coup d'état of 2016, analyzing the dimensions of the country's economic and political history in the last 15 years. It configures the architecture of this coup, in progress, delineating the singular moment of the class struggle, in the present time. It maintains that Coup 16 demarcates a new cycle of adjustment, with serious consequences on Brazilian democracy. It is an analytical work based on studies of contemporary thinkers, advancing in the understanding of this new temporality of capital in the Brazilian scene.

Keywords: Contemporary Brazil; Coup; Cycle of adjustment; Democracy

¹ Assistente Social. Doutora em Sociologia. Universidade Federal do Ceará – UFC. E-mail: albapcarvalho@gmail.com

² Assistente Social. Doutora em Sociologia. Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN. E-mail: elianacostaguerra@hotmail.com





VIII Jornada Internacional Políticas Públicas

22 a 25 agosto
2017
Cidade Universitária da UFMA
São Luís/Maranhão - Brasil



1. Introdução

O tema interpela a uma análise do “*Brasil no Tempo Presente*”, no curso da “*História se fazendo*”, a partir de marco fundante: o Golpe de Estado 2016, a efetivar-se no cenário da crise brasileira contemporânea². De fato, em meados da segunda década do século XXI, no contexto de uma crise - a encarnar o esgotamento de um modelo de ajuste, nos circuitos da crise estrutural da civilização do capital (CARVALHO e GUERRA, 2015) - setores da burguesia brasileira, vinculados aos diferentes segmentos do capital, em uma articulação “Poder Judiciário, Congresso Nacional e mídia”, desmontam a já limitada democracia brasileira pela via de um golpe de Estado. De fato, o Golpe de Estado de 2016 está a consubstanciar um processo de ruptura com a institucionalidade democrática, com configurações peculiares, a manter determinadas estruturas reorientadas pela lógica do golpe.

Ao examinarmos a História Brasileira, é incontestável o fato de que o Golpe de Estado é uma instituição recorrente no século XX. Em 2016, nos vemos enredados na primeira edição de um Golpe de Estado, no século XXI, com especificidades contemporâneas, a revelar uma arquitetura pesada, em nome do ajuste fiscal, como via de superação da crise e de “salvação” do Brasil, conforme proclamado no jargão oficial. Trata-se de uma ruptura de natureza distinta, como convém aos novos tempos! É o *Golpe 16*³ que, em um perverso crescendo, vem atingindo o País, aprofundando uma política de espoliação das riquezas nacionais, de direitos, do fundo público, das políticas

² Uma discussão ampla e profunda sobre a crise contemporânea brasileira encontra-se no artigo “O BRASIL NO SÉCULO XXI NOS CIRCUITOS DA CRISE DO CAPITAL: o modelo brasileiro de ajuste no foco da crítica, *Alba Maria Pinho de Carvalho, Eliana Costa Guerra*, In: <http://www.periodicoeletronicos.ufma.br/index.php/rppublica/article/view/3864>

³ Esta expressão foi cunhada em livro das edições Fórum e Publisher Brasil. Intitulado *Golpe 16*, organizado por Renato Rovai e publicado em 2016.





VIII Jornada Internacional Políticas Públicas

22 a 25 agosto
2017
Cidade Universitária da UFMA
São Luis/Maranhão - Brasil



públicas, intensificando a superexploração da força de trabalho no Brasil, com o desmanche das formas de regulação das relações capital-trabalho.

É importante considerar que o Golpe 16 no Brasil não é singular na América Latina. De fato, no século XXI, o Golpe de Estado, com configurações peculiares, assemelhadas ao Golpe em curso no Brasil, constitui uma estratégia das forças de direita, vinculadas aos segmentos do capital⁴. Em Honduras, no Paraguai, no Brasil, forças conservadoras conseguiram que o Parlamento forjasse e aceitasse acusações sem respaldo jurídico, apenas como pretexto político para depor os Presidentes e a Presidenta Brasileira, configurando um Golpe de Estado, com tessituras convenientes aos novos tempos da civilização do capital em crise.

É fundamental configurar o Golpe de 2016, no Brasil, no contexto geopolítico de intensificação de políticas neoliberais em diferentes partes do mundo, em meio ao um avanço da direita e do conservadorismo, em suas diferentes (re)atualizações, como marco deste tempo histórico da civilização do capital em crise.

No esforço de decifrar os sentidos do Golpe de Estado em processo na história econômica e política brasileira, faz-se necessário pensá-lo no interior da experiência de ajuste do País, com vistas à sua inserção no capitalismo financeirizado. Assim, sustentamos que este golpe de Estado, de caráter jurídico-parlamentar-midiático, demarca um novo ciclo do ajuste

⁴ De fato, em 2009 em Honduras e em 2012 no Paraguai, ocorreram Golpes que, por meio de dispositivos legais e instrumentalizados por parlamentares, juízes e por oligarquias empresariais e financeiras, efetivaram a deposição de um mandatário escolhido pelo voto popular, usurpando a Presidência da República: é o caso do presidente hondurenho Manuel Zelaya, tirado à força de sua casa e levado para Costa Rica e do presidente paraguaio Fernando Lugo que sofreu um impeachment relâmpago, votado em menos de 48 horas pelo Congresso Nacional.





VIII Jornada Internacional Políticas Públicas

22 a 25 agosto
2017
Cidade Universitária da UFMA
São Luis/Maranhão - Brasil



brasileiro, com graves desdobramentos sobre a construção da democracia, a promover um amplo desmonte de direitos, tanto do ponto de vista do arcabouço legal, como das possibilidades reais de materialização de tais direitos, via políticas públicas. É um ciclo de acirramento das políticas neoliberais, permeado por contrarreformas, que atentam contra os interesses dos trabalhadores (ALVES, 2017).

É um tempo, por excelência, do capital, neste Brasil que vive um estado de exceção nos marcos oficiais da democracia (AGABEN, 2004). De fato, nos circuitos do Golpe 16, as forças do capital assumem a condução do processo de ajuste, acirrando contradições, com reconfigurações do Estado que, cada vez mais, ajusta e ajusta-se às exigências de acumulação e valorização do capital em tempos de crise.

Na dialética da história, articulam-se resistências, que vêm se intensificando, na medida em que a pesada arquitetura do golpe se faz sentir sobre a sociedade, de forma crescente, no ritmo próprio dos que usurpam o poder. As contrarreformas predatórias da democracia estão a fazer eclodir convulsões sociais, que parecem apontar para um quadro assaz grave. A rigor, neste contexto de crise e golpe, vivemos um momento singular da luta de classes na contemporaneidade brasileira.

Nesta perspectiva, é imperativo, em uma primeira aproximação, compreender criticamente as configurações deste Brasil do ajuste que culminaram no Golpe 16. Impõe-se, igualmente, a exigência de circunscrever a arquitetura deste golpe em movimento, permeada de violências, que de forma vertiginosa, inflige a sociedade brasileira. Por fim, é preciso pensar as configurações da luta de classes, neste contexto de desmanches e turbulências, no sentido apreender alternativas a emergir, no confronto com este projeto de classe da burguesia brasileira. É o que tentamos desenvolver





VIII Jornada Internacional Políticas Públicas

22 a 25 agosto
2017
Cidade Universitária da UFMA
São Luis/Maranhão - Brasil



neste artigo, fazendo valer a máxima gramsciana: “pessimismo da razão e otimismo da vontade”.

2. O GOLPE 16 TEM UMA HISTÓRIA: exigência da crítica e da autocrítica

Um golpe não é algo que irrompe e, sim, um golpe vai sendo processualmente construído, no jogo das relações de classe. É justamente nesta perspectiva que Renato Rovai (2016), sustenta que *“um golpe não é, um golpe vai sendo”*, sublinhando, assim, o seu caráter processual, com o delineamento de marcos históricos do Golpe de Estado, ora em curso, a partir de recortes de determinados momentos nos Governos de Lula e de Dilma Rousseff (ROVAI, 2016).

Logo, impõe-se a nós a exigência da crítica e da autocrítica, no sentido de compreender a história por trás do golpe (CARVALHO, 2016). De fato, precisamos compreender a História Econômica e Política do Brasil nos últimos vinte e cinco anos, inclusive, e, sobretudo, nos treze anos de governos petistas, para deciframos as teias do próprio Golpe 16. Esta imersão na tessitura histórica do Golpe implica considerar posicionamentos, tensões, omissões, contradições, equívocos e conquistas dos ciclos de governos petistas. Hoje, com a distância de quem contempla um tempo histórico – a questão aqui não é tempo cronológico, mas sim, tempo histórico – é possível ver, com mais clareza, equívocos, limites e conquistas, que propiciaram às elites, vinculadas aos interesses do capital, usurpar a Presidência da República, arquitetando e efetivando este Golpe de Estado, em 2016. É justamente este o desafio analítico que precisamos enfrentar como esquerdas, como sujeitos políticos na resistência ao Golpe e,





VIII Jornada Internacional Políticas Públicas

22 a 25 agosto
2017
Cidade Universitária da UFMA
São Luis/Maranhão - Brasil



sobretudo, como cientistas sociais e investigadores no campo das Políticas Públicas.

E, nesta busca de compreender criticamente a História do Golpe 16 é fundamental analisar modelos e posições, assumidos pelos governos petistas, que criaram condições para que segmentos da direita urdissem a trama golpista: o padrão de ajuste brasileiro, nos marcos do “modelo rentista-extrativista”, a privilegiar os interesses do capital rentista e do capital vinculado ao extrativismo pela via do agronegócio e da mineração; o assumir da “política de negócios”, com crescentes concessões aos diferentes grupos de poder; a ausência de reformas estruturais, em uma estratégia de conciliação, a evitar confrontos com os interesses dominantes (CARVALHO e GUERRA, 2016a).

Em verdade, em seus treze anos à frente do poder executivo na Presidência da República, os governos petistas atuaram no sentido de estabelecer um “pacto conciliatório” com as classes dominantes e com as massas, efetivando alianças com as elites, no padrão tradicional da política brasileira. A estratégia foi negociar tudo no Parlamento, inclusive utilizando os mecanismos da “pequena política” de acordos e conchavos - *no dizer gramsciano* - em detrimento do estímulo à participação política das massas e dos setores organizados. Tais governos abdicam de apostar no poder popular, na capacidade de mobilização dos movimentos sociais, como via de pressão sobre o Parlamento para garantir políticas públicas progressistas e/ou reformas mais profundas. E, assim, a dinâmica dos governos petistas contribuiu para a desmobilização social, no interior de um “modelo de pacificação”, a privilegiar setores do capital. De fato, nestes padrões e processos econômicos, políticos e culturais residem contradições, encarnadas neste projeto de conciliação de classes, assumido nos diferentes ciclos de governos petistas. E, estas contradições irrompem, hoje, de forma

promotores



apoio





VIII Jornada Internacional Políticas Públicas

22 a 25 agosto
2017
Cidade Universitária da UFMA
São Luís/Maranhão - Brasil



intensa, nesta cena golpista, comandada pelos diferentes segmentos do capital, em uma combinação de forças políticas, sociais e midiáticas.

No entanto, em meio aos inegáveis limites do projeto reformista de baixa intensidade dos governos petistas e das contradições orgânicas do lulismo, como estratégia de governo de coalização, cabe destacar avanços históricos dos governos de Luís Inácio Lula da Silva e de Dilma Rousseff: compromisso histórico com os pobres materializado em políticas públicas, capazes de combater a profunda desigualdade social que o Brasil herdou da formação escravista colonial; crescimento do gasto público com os programas de transferência de renda que combateram a pobreza extrema e absoluta; aumento real do salário mínimo de 70% entre 2003 a 2013; recusa de Lula e de Dilma a desmontar a CLT, rejeitando, por exemplo, o projeto do “negociado sobre o legislado” e o projeto de terceirização ampla e irrestrita do mercado de trabalho; criação de um marco regulatório do Pré-Sal, com recursos destinados à saúde e à educação; políticas de afirmação de direitos de segmentos historicamente discriminados em suas diferenças, com destaque para as políticas de igualdade racial e políticas voltadas para a população LGBTT. E mais: os governos do PT tinham um projeto de nação, no sentido de resgatar o protagonismo nacional do Brasil na América Latina, solidarizando-se com as experiências reformistas da Venezuela, Bolívia e Equador. Do mesmo modo, assume um protagonismo internacional, na medida em que participava da articulação do BRICS, coalizão de países capitalistas comprometidos com um novo modo de desenvolvimento, abandonando, desse modo, a política de vassalagem histórica do Brasil ao Departamento de Estado Norte-americano. De fato, são inegáveis as repercussões no tecido social brasileiro das políticas de enfrentamento à pobreza dos governos petistas, que possibilitaram a ascensão social de segmentos pobres e miseráveis. E mais: são inconteste os acertos da política externa brasileira dos governos Lula e Dilma (ALVES, 2016).





VIII Jornada Internacional Políticas Públicas

22 a 25 agosto
2017
Cidade Universitária da UFMA
São Luis/Maranhão - Brasil



E, neste esforço de avaliar a “História que está por trás do Golpe”, afirmam analistas críticos de cena brasileira que foi, justamente, contra as virtudes do projeto histórico-político do PT que a direita mafiosa neoliberal se insurgiu. De fato, é forçoso reconhecer que as elites brasileiras não se satisfizeram mais com o social liberalismo petista, impondo o neoliberalismo mais violento e brutal, no sentido de garantir os lucros dos segmentos do capital, em um contexto de crise, a expressar o esgotamento do modelo de ajuste rentista-extrativista no Brasil e na América Latina, em uma conjuntura internacional desfavorável, inclusive com a crise na china.

Enfim, ao urdir os fios da História Econômica e Política Brasileira, no interior dos ciclos de ajuste País ao capitalismo financeirizado, nos marcos de uma democracia, submetida à lógica do capital e capturada pelas malhas da política de negócios, identificamos segmentos da direita, articulados, no âmbito do Congresso e do Judiciário, com todo o respaldo da mídia global, empenhados em montar, passo a passo, a pesada arquitetura do Golpe 16.

3. ARQUITETURA DO GOLPE 16 A ENCARNAR UM PROJETO DE CLASSE: contrarreformas e ataques aos direitos dos trabalhadores

É preciso estar atento e vigilante para acompanhar e compreender a perversa arquitetura do Golpe 16: “*são Golpes dentro do Golpe!*”... São golpes consecutivos, em ritmo vertiginoso! Os golpistas têm pressa em aprovar os chamados mecanismos de ajuste fiscal para efetivar um projeto de classe.

É a pesada ofensiva das elites, das forças de direita, no sentido de colocar o Brasil em perfeita coadunância com esta onda de acirramento





VIII Jornada Internacional Políticas Públicas

22 a 25 agosto
2017
Cidade Universitária da UFMA
São Luís/Maranhão - Brasil



contemporâneo do neoliberalismo, a atingir o mundo, neste contexto de uma civilização do capital em crise!! É o Brasil inserido no “tsunami neoliberal global”, pela via de um Golpe de Estado, com permanentes desdobramentos (BRAGA, 2016). Trata-se de fato, de um Golpe jurídico-parlamentar-midiático. Esta natureza do Golpe 16 configura um projeto das elites, estrategicamente construído dentro e fora do Parlamento, com o respaldo do Judiciário e apoio irrestrito da Mídia.

A urdidura golpista começa logo após a derrota eleitoral do PSDB de 2014, a configurar um “Plano B” dos que não conseguiram chegar à Presidência da República, num embate eleitoral apertado que, então, parecia “dividir o Brasil”. Logo no limiar do segundo mandato de Dilma, as elites neoliberais começam a falar de Impeachment. E a estratégia equivocada da Presidenta Dilma Rousseff de “enfrentar a crise pela direita”, a assumir a perspectiva do mercado do ajuste fiscal, ensaiando desmonte de direitos trabalhistas, agravou o quadro de instabilidade social e política, fazendo despencar os seus índices de popularidade! Começam a se intensificar “*movimentos de rua*” contra o governo Dilma, articulando, inclusive, elites do capital e segmentos de uma classe média insatisfeita com o social liberalismo petista (CARVALHO e GUERRA, 2015). É deveras emblemática a fala do senador Aloysio Nunes Ferreira (PSDB-SP), ex-candidato a vice na chapa de Aécio Neves, em março de 2015: “*Não quero o impeachment, quero ver a Dilma sangrar!*”

A “*Operação Lava-Jato*”, iniciada em março de 2014 e intensifica em 2015, constitui marco decisivo na tessitura do Golpe, assumindo centralidade na cena política brasileira. Como avalia Boaventura de Sousa Santos, no primeiro semestre de 2016, com o modo de operar a “Lava Jato”, o sistema judicial vai se transformando num perigoso fator de desordem jurídica. Afirma textualmente o autor:





VIII Jornada Internacional Políticas Públicas

22 a 25 agosto
2017
Cidade Universitária da UFMA
São Luis/Maranhão - Brasil



Medidas judiciais flagrantemente ilegais e inconstitucionais, a seletividade grosseira do zelo persecutório, a promiscuidade aberrante com a mídia ao serviço das elites políticas conservadoras, o hiper-ativismo judicial aparentemente anárquico, traduzido, por exemplo, em 27 limiares visando o mesmo ato político, tudo isto conforma uma situação de caos judicial que acentua a insegurança jurídica, aprofunda a polarização social e política e põe a própria democracia brasileira à beira do caos (SANTOS, 2016, s. p.).

De fato, a Lava Jato, como uma operação eminentemente político-midiática, assume um papel central nas tessituras golpistas, no sentido de difundir o descrédito no PT, metamorfoseado no “Partido da Corrupção”. O descrédito no PT amplia-se para um descrédito nas esquerdas! A corrupção é transformada em grande móvel de luta em manifestações de massa contra o Governo, contra o PT. É a reatualização da “*cruzada da corrupção*”, sempre mobilizada pelas forças conservadoras, estando na base de processos de rupturas.

Em 2015, a crise econômica, política, social se acirra e se amplia, com a intensificação do “terrorismo midiático”, a amplificar o “terrorismo econômico” (PAULANI, 2014). Fala-se, então, em crise de hegemonia com inexistência de alternativas. O momento é crítico, com atuação das elites golpistas e acirramento de um conservadorismo com nuances de cinismo. Neste contexto de instabilidade e de certa imobilização do governo Dilma, com graves fraturas na chamada “base aliada”, o PMDB – *já visivelmente em desmanche da aliança com o Governo Dilma Rousseff* – lança, em outubro de 2015, o seu projeto para o Brasil, intitulado “Uma Ponte para o Futuro”, radicalmente neoliberal. De fato, este projeto já propugnava diretrizes e contrarreformas que, hoje, regem o governo ilegítimo de Michel Temer, a efetivar golpes sucessivos no interior do Golpe 16. Proclama a exigência de intenso ajuste fiscal, com mudanças na Constituição Federal de 1988, sustentando a necessidade imperiosa da chamada “Reforma da Previdência”. Defende a flexibilização do Orçamento, com o fim das vinculações





VIII Jornada Internacional Políticas Públicas

22 a 25 agosto
2017
Cidade Universitária da UFMA
São Luis/Maranhão - Brasil



constitucionais e indexações obrigatórias de valores. O texto afirma que a solução do problema “será muito dura para o conjunto da população”, já antecipando, desse modo, o perverso austericídio. Em uma crítica contundente a este programa, que vem se materializando no Governo Temer, Leda Paulani, em tom irônico, refere-se a uma “ponte para o abismo” (PAULANI, 2016).

Em 2016, a farsa jurídico-política do Impeachment de Dilma Rousseff desenrola-se na cena brasileira, com momentos graves que muito revelam da crise da democracia representativa brasileira. É emblemática a votação de 17 de abril na Câmara dos Deputados, em um misto de comédia e de tragédia da política no Brasil! E, em 12 de maio, o Senado aprova o Impeachment, com afastamento temporário de Dilma Rousseff. Assume Michel Temer, como “presidente em exercício” que se porta como um presidente oficial e ilegítimo. E, em meio às manifestações contra e a favor do Impeachment, o Golpe 16 é consumado em 31 de agosto de 2016.

São dez meses do Governo ilegítimo de Temer e o enredo de golpes dentro do Golpe não para de nos surpreender a cada dia: remodelagens no aparato estatal; mudança no marco regulatório do Pré-Sal; reforma do Ensino Médio; “Escola com mordaza”, com a alegação de “Escola sem Partido”; PEC 241/55 (a congelar o teto dos gastos por 20 anos); reforma da previdência, reforma trabalhista. É a lógica do chamado “ajuste fiscal”, em verdade, ajuste para a acumulação do capital! E sua contra face: a política de espoliação de riquezas, de direitos, de Política Públicas!

No atual contexto do final do primeiro trimestre de 2017, merecem destaque as chamadas reformas da previdência e trabalhista, que, de forma mortal ferem direitos dos trabalhadores. No tocante à reforma trabalhista, a lei da terceirização irrestrita, aprovada, de modo sorrateiro, pelo Congresso





VIII Jornada Internacional Políticas Públicas

22 a 25 agosto
2017
Cidade Universitária da UFMA
São Luis/Maranhão - Brasil



Nacional e sancionada pelo Presidente, coloca-se como grande instrumento de intensificação das formas de exploração dos trabalhadores e de achatamento dos salários. Trata-se de um perverso indicador do fim do emprego (SAFATLE, 2017). Giovanni Alves, em um resgate histórico, assim avalia

Na era neodesenvolvimentista, o espectro da terceirização avançou sobre o mundo do trabalho. Reiteramos que, de certo modo, Lula e Dilma apenas *paralisaram* (ou congelaram) o lento e paulatino processo de desmonte da CLT iniciado em 1964 e o desmonte da Constituição de 1988 iniciado em 1990 com os governos neoliberais. Paralisar e congelar processos, não significa desativa-los e reverte-los. Na verdade, o movimento de precarização laboral paralisado na era neodesenvolvimentista, retornaria com vigor num momento de reação neoliberal – como ocorreu com o golpe jurídico-parlamentar de 2016 e o governo Temer (ALVES, 2017)

Em verdade, o golpe 16 encarna um projeto da burguesia no Brasil, em coerência com o sistema do capital internacional, consubstancia uma investida pesada contra a classe trabalhadora e encarnando ataque frontal contra os segmentos empobrecidos. A rigor, trata-se do desmonte de mecanismos da já limitada proteção social brasileira. E mais, o desmanche de direitos segue com indicações de agravamento!... O golpe 16 está em curso!

4. BRASIL: um momento singular da luta de classes no tempo presente

Na cena brasileira do presente, na conjuntura do Golpe 16 e de um Estado de Exceção, vivemos uma expressão singular da luta de classes, com configurações eminentemente contemporâneas! Delineia-se a oposição ideológica e material entre as classes: segmentos do capital, sobremodo setores rentistas e vinculados ao extrativismo, em confronto com interesses dos trabalhadores, particularmente, das camadas empobrecidas, daqueles





VIII Jornada Internacional Políticas Públicas

22 a 25 agosto
2017
Cidade Universitária da UFMA
São Luís/Maranhão - Brasil



que habitam as margens! Grupos vinculados ao mundo empresarial, em confronto com os trabalhadores, no sentido do desmonte das formas de regulação e da predominância do *“negociado sobre o legislado”*, com a instituição das formas de terceirização precarizadas!... E, os servidores públicos são violentamente atingidos pelas contrarreformas e uma diversidade de medidas que querem impor o ajuste fiscal, a serviço dos interesses capitalistas. É necessário um olhar contemporâneo, capaz de adentrar no novo mundo das práticas de classe, no contexto do Brasil do presente (CARVALHO, 2016c)

Neste contexto contemporâneo da Luta de Classe no Brasil do Presente, é fundamental desvendar “o que está em jogo”! Adentrando nas tramas da cena brasileira, o sentido profundo do golpe de 2016 é redefinir o modo de desenvolvimento do capitalismo no Brasil. Mais especificamente, o golpe 16 visa assegurar que o aprofundamento da acumulação por espoliação balize o modelo de desenvolvimento brasileiro pelas próximas décadas (BRAGA, 2016). Inegavelmente, o governo ilegítimo de Michel Temer avança em todas as frentes, a fim de assegurar que o Estado garanta lucros e privilégios aos oligarcas financeiros e grupos rentistas no Brasil. De fato, sob os auspícios do Estado, estabelecem-se composições orgânicas do setor rentista com outros segmentos do capital, sobremodo do capital extrativista, em articulações com interesses capitalistas internacionais. Desse modo, vai sendo imposta, pelo governo golpista, a política de espoliação de riquezas, de direitos de toda a ordem, de bens públicos, dos serviços públicos, das políticas públicas!

É decisivo ter clareza e lucidez que a nossa resistência ao golpe 16 tem uma natureza de classe (CARVALHO, 2016c). Mais do que nunca, se faz necessário encarnar a consciência de classe trabalhadora como norte da resistência. Assim, precisamos reafirmar a convicção de que nosso combate





VIII Jornada Internacional Políticas Públicas

22 a 25 agosto
2017
Cidade Universitária da UFMA
São Luis/Maranhão - Brasil



é contra o sistema do capital e todas as formas de discriminações e de exclusões. E, nas lutas contra o Golpe 16, em seus permanentes desdobramentos, delinea-se o desafio de compreender o Brasil do presente e construir a resistência com os embates necessários que se impõe com urgência!

5. CONCLUSÃO

Considerando o processo de inserção do Brasil no capitalismo financeirizado, o Golpe 16, consubstanciado no impeachment da Presidenta Dilma Rousseff e no assumir ilegítimo de Michel Temer a Presidência da República, delinea-se um novo ciclo de ajuste, que se inicia em maio de 2016 e encontra-se em processo, encarnando um momento peculiar do confronto de classes. Cabe ressaltar que, em trabalhos anteriores, buscamos sistematizar o processo de ajuste brasileiro em ciclos distintos, com inflexões específicas no âmbito do modelo rentista-extrativista.

No Brasil do presente, o confronto de interesses entre as elites burguesas está explícito, a assumir conotações cada vez mais acirradas. A história está se fazendo e o embate está posto. As resistências avançam, renovando nossa convicção na força da política, a movimentar a difícil equação Estado-Sociedade (CARVALHO e GUERRA, 2016b).

REFERÊNCIAS

AGABEN, Giorgio. Estado de Exceção, São Paulo: Boitempo, 2004.

ALVES, Giovanni Reforma trabalhista, modernização catastrófica e a miséria da República brasileira, artigo publicado no Blog da Boitempo, em 27 de março de 2017, Disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/2017/03/27/reforma-trabalhista-modernizacao-27catastrofica-e-a-miseria-da-republica-brasileira/>, Acesso realizado em 1 de abril de 2017.

promotores



apoio





VIII Jornada Internacional Políticas Públicas

22 a 25 agosto
2017
Cidade Universitária da UFMA
São Luís/Maranhão - Brasil



. _____. Unidos ou dominados (Prefácio), in: UCHOA, Marcelo Ribeiro; UCHOA Inocêncio Rodrigues; GOMES, Antônio José de Souza; ALVES, Leticia (Org). O Ceará e a resistência ao golpe de 2016, Bauru: Canal 6, Projeto Editorial Práxis, 2016, p. 9-13.

BRAGA, RUY. Investigando a pilhagem. In Blog da Boitempo. Disponível em <https://blogdaboitempo.com.br/2016/10/10/investigando-a-pilhagem/>. Acesso em 30/03/2017

CARVALHO, Alba Maria Pinho de. Análise de conjuntura: o que está acontecendo na sociedade brasileira, evento das Ciências Sociais da Universidade Federal do Ceará – Semana de paralização, 10 de junho de 2016 (a).

CARVALHO, Alba Maria Pinho de. Conjuntura Nacional: pensando acontecimentos recentes da história política brasileira, 10ª Semana de Humanidades/Universidade Federal do Ceará, 20 de outubro de 2016 (b).

CARVALHO, Alba Maria Pinho de. Utopias e lutas sociais no Brasil contemporâneo, aula pública, Curso Realidade Brasileira, 23 de setembro de 2016 (c).

CARVALHO, Alba Maria Pinho de; GUERRA, Eliana Costa. BRASIL NO SÉCULO XXI NA GEOPOLÍTICA DA CRISE: para onde apontam as utopias? Revista de Políticas Públicas, São Luís/MA, Número Especial, p. 267-280, novembro de 2016a. Disponível em: <http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/rppublica/article/view/5978/3609>, acesso realizado em 23 de março de 2017.

_____. Brasil contemporâneo: la ecuación Estado/Sociedad en distintos momentos históricos de la vida brasileña (1980-2015). In: Lucio Oliver. (Org.).





VIII Jornada Internacional Políticas Públicas

22 a 25 agosto
2017
Cidade Universitária da UFMA
São Luís/Maranhão - Brasil



TRANSFORMACIONES RECIENTES DEL ESTADO INTEGRAL EN AMÉRICA LATINA. CRÍTICAS Y APROXIMACIONES DESDE LA SOCIOLOGÍA POLÍTICA DE ANTONIO GRAMSCI.. 1ed.Ciudad de Mexico: UNAM-Ed. La biblioteca, 2016b, p. 153-184

_____. O BRASIL NO SÉCULO XXI NOS CIRCUITOS DA CRISE DO CAPITAL: o modelo brasileiro de ajuste no foco da crítica, Revista de Políticas Públicas, São Luís, v. 19, n. 1, p. 41-60, jan./jun. 2015, Disponível em:

<http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/rppublica/article/view/3864>, acesso em 22 de março de 2017.

_____. Brasil contemporâneo: a equação Estado/Sociedade em distintos momentos históricos da vida brasileira (1980-2014). In: SEMINÁRIO DO PROYECTO PAPIIT, Roma, 2014. Anais... Roma, 2014.

SAFATLE, Vladimir. O fim do emprego, artigo publicado na coluna do Jornal Folha de São Paulo em 23 de março de 2017, disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/colunas/vladimirsafatle/2017/03/1869068-o-fim-do-emprego.shtml>, acesso realizado em 01 de abril de 2017.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Brasil pode ainda evitar “novo” golpe, Blog Outras Palavras, março de 2016, In: <http://outraspalavras.net/brasil/boaventura-no-brasil-havera-tempo-contra-o-golpe/>, pesquisa realizada em 22 de março de 2017.

PAULANI, Leda Maria. Mídia e mercado fazem terrorismo econômico. Brasil de Fato, São Paulo, nov. 2014. Entrevista concedida a Bruno Pavan. Disponível em: <<http://www.brasildefato.com.br/node/30418>>. Acesso em: 19 mar. 2015.





VIII Jornada Internacional Políticas Públicas

22 a 25 agosto 2017
Cidade Universitária da UFMA
São Luis/Maranhão - Brasil

1917 2017
**UM SÉCULO
DE REFORMA
E REVOLUÇÃO**

_____. Uma ponte para o abismo, In Por que gritamos golpe?: para entender o impeachment e a crise política no Brasil, JINKINGS, Ivana; KIM, Doria; CLETO, Murilo (Org.), São Paulo: Boitempo, 2016.

ROVAI, Renato. Um Golpe não é, um golpe vai sendo... In: Golpe 16, ROVAI, Renato (Org.), São Paulo: Edições Fórum; Publisher Brasil, 2016, p. 9-21.

promotores



apoio



www.joinpp.ufma.br
joinpp.ufma@gmail.com
(98) 3272 8668